

Filosofia do Humanitismo em *Pai contra Mãe*, de Machado de Assis

Elizabete Velloso de Margarido Barbosa da Silva – UFF- PG

RESUMO:

Neste ensaio vamos comprovar uma ligação muito estreita entre três textos distintos de Machado de Assis: os romances *Quincas Borba* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e o conto *Pai contra Mãe*. O elo está na filosofia do humanitismo, que configura a sobrevivência humana ao próprio canibalismo do sistema social. Ou seja, é preciso ser forte para lutar pela vida, pois os fracos são derrotados pelo sistema. Desta feita, o pegador de escravos Cândido Neves põe em prática a filosofia de Quincas Borba quando, para criar seu filho, tem que entregar ao cativo uma escrava fugitiva que também está grávida. Ou seja, a sobrevivência do seu filho depende do sacrifício de outra pessoa.

Palavras-chave: Machado de Assis, filosofia do humanitismo, *Pai contra mãe*

ABSTRACT: Philosophy of the Humanism in *Father against Mother*, of Machado de Assis

In this essay we are going to prove a very intimate connection in three texts by Machado de Assis: the novels *Quincas Borba* e *Posthumous memories of Brás Cubas* e the story *Father against Mother*. The link is in the philosophy of the humanism, that portrays human survival to the cannibalism of the social system. That is, it is necessary to be strong to fight a living, as the weak ones are defeated by the system. Thus, the slave hunter Cândido Neves puts in practice Quincas Borba's philosophy when, in order to bring his son up, he has to the capture a fugitive slave who also is pregnant. His son's survival depends on the sacrifice of somebody else.

Keywords: Machado de Assis, philosophy of the humanism, *Father against mother*

Quem leu Memórias Póstumas de Brás Cubas e Quincas Borba, de Machado de Assis, pode ser que se lembre de que existe uma personagem que é o elo de ligação entre estes dois romances: o filósofo Quincas Borba – “ um náufrago da existência, mendigo, herdeiro inopinado e inventor de uma filosofia” (ASSIS,b:162,p.643) Pois bem, é exatamente a filosofia criada por este cientista, que “possuía apenas aquele grãozinho de sandice que um médico supôs achar-lhe”(Assis,b:1962, p.643) que nos interessa para a análise do conto *Pai contra Mãe*. Segundo o autor, Humanitas está numa relação de liminaridade biunívoca com nossa própria existência, sendo pois, inato de qualquer ser vivo, a luta pela sobrevivência, a luta pela vida contra a morte.

Para exemplificar sua doutrina, que “é o princípio da vida e reside em toda a parte” (ASSIS,b:1962,p.643) o filósofo revela ao ignaro Rubião como morreu sua avó: atropelada por uma sege e suas mulas. A razão do atropelamento não foi o descuido da avó ao atravessar a rua, mas a pressa do dono da sege, que havendo almoçado pouco, tinha muita fome. A fim de suprir a carência do estômago ultrapassou o obstáculo - a mãe do filósofo - objetivando chegar mais rapidamente à casa.

O dono da sege estava no adro, e tinha fome, muita fome, porque era tarde, e almoçara cedo e pouco. Dali pôde fazer sinal ao cocheiro; este fustigou as mulas para ir buscar o patrão. A sege no meio do caminho achou um obstáculo e derribou-o; esse obstáculo era minha avó. O primeiro ato dessa série de atos foi um movimento de conservação. Humanitas tinha fome. Se em vez de minha avó, fosse um rato ou um cão, é certo que minha avó não morreria, mas o fato era o mesmo; Humanitas precisa comer. (ASSIS,b:1962,p.645)

Como diz o filósofo, a razão de humanitas é a própria conservação e em virtude disso guerreia contra a morte. A vida do outro, quando o risco é sua própria sobrevivência, nada vale, prevalecendo pois, o instinto de conservação.

Humanitas é o princípio. Há nas cousas todas certa substância recôndita e idêntica, um princípio único, universal, eterno, comum, indivisível e indestrutível, - ou, para usar a linguagem do grande Camões - Uma verdade que nas cousas anda. Que mora no visível e invisível. Pois essa substância ou verdade, esse princípio indestrutível é que é Humanitas. Assim lhe chamo, porque resume o universo, e o universo é o homem. (ASSIS, b: 1962,p.646)

Em sua luta por viver, como dissemos, o homem guerreia contra a morte e de acordo com o filósofo, guerrear pela vida, longe de ser uma ação destrutiva, é

antes de tudo, o princípio de conservação da humanidade. Neste confronto vencerá, via de regra, o adversário mais forte. A força, no sistema da sobrevivência, nem sempre está na estrutura física do lutador, mas também nas suas condições de adaptação ao meio em que vive, no seu comportamento, nas suas atitudes, nas suas experiências de vida e pontos de vistas, nas suas percepções e intuições. Enfim, várias são as armas utilizadas nesta luta permanente, onde todos os outros são adversários em potencial.

Desta feita, é exatamente a filosofia do humanitismo que impera no conto *Pai contra Mãe*, que trata da saga do protagonista Cândido Neves. Homem branco, livre e pobre, que tem por ofício capturar escravos fugitivos em troca de gratificações oferecidas pelos seus senhores. Cândido, legalmente, sempre foi livre, sendo pois, seu senhor e dono. Mas a liberdade que carrega pela sua condição de homem branco, em epiderme e genealogia, não o faz tão intensamente mais livre do sistema social do que o escravo negro e cativo.

Em sua origem humilde, de poucos recursos financeiros, teve que conhecer o trabalho árduo para ter o que comer. Aliás, trabalhar naquela sociedade, na cidade do Rio de Janeiro do século XIX, já indicava, pela simples ação, ser este Cândido, integrante de uma classe social inferior. Cândido tentou vários ofícios, todos sem sucesso. Segundo o narrador, o rapaz “começou por querer aprender tipografia, mas viu cedo que era preciso algum tempo para compor bem, e ainda assim talvez não ganhasse o bastante” (ASSIS,a:1962,p.660). Passou por contínuo de uma repartição, carteiro, entre muitas outras. O problema é que nenhuma das profissões poderia tirá-lo da pobreza ou ao menos atenuá-la. Cândido tentou ser entalhador e tomou algumas lições com um primo. Mas o estômago não pode esperar e quem tem fome também tem pressa. Logo, aprendeu mal a profissão. Conseguiu ainda ser caixeiro num armazém e na função cabia-lhe atender aos fregueses, por trás do balcão. Ficou apenas seis semanas. Sentia-se humilhado. Apesar de pobre ainda carregava um pouco de orgulho e naquela função cabia-lhe apenas servir. Desta feita, não foi difícil sentir atração por caçar escravos.

Cândido, na condição de homem branco, livre e pobre, socialmente está na base da pirâmide. É sempre visto de cima para baixo pela aristocracia. Como caçador de escravos fugitivos consegue fazer uma espécie de inversão, já que

encontra alguém (o escravo) que está numa condição ainda mais inferior, a quem ele pode dirigir um olhar vertical. Ou seja, de cima para baixo. Além disso, ao levar ao proprietário a mercadoria, até então perdida, ainda que motivado pela gratificação, o faz como se prestasse um obséquio. Isto, inconscientemente, eleva a auto-estima desse homem massacrado pelo Sistema. Vale dizer, tem alterados diversos olhares ou opiniões sobre ele: o dele sobre ele mesmo; o olhar da sociedade em geral, que lhe oferece respeitabilidade e ainda a visão do escravo fugitivo, que teme as mãos ágeis e fortes de Cândido. Além disso, quando captura o escravo rebelado, interiormente, é como se a personagem saísse do lado de dentro do balcão, onde se sentia humilhado, deixando, pois, de ser um reprimido do sistema social, para ser também um repressor. Tudo isso, “dava impulso ao homem que se sentia bastante rijo para por ordem à desordem” (ASSIS,a:1962,p.660). O que Cândido não conseguia perceber era que isto nada mais era do que um grande equívoco. Ele continuava, ainda que por outras vias, a servir aos interesses da aristocracia que o massacrava. Mas o ofício de “pegar escravos fugidos ” também exigia certo talento: força, olho vivo, paciência, coragem, agilidade e um pedaço de corda. Junte-se a isso, sua boa memória” (ASSIS,a:1962,p.663).

(...) lia os anúncios, copiava-os, metia-os no bolso e saía às pesquisas. Tinha boa memória. Fixados os sinais e os costumes de um escravo fugido, gastava pouco tempo em achá-lo, segurá-lo, amarrá-lo e levá-lo. A força era muita, a agilidade também. Mais de uma vez, a uma esquina, conversando de cousas remotas, via passar um escravo como os outros, e descobria logo que ia fugido, quem era, o nome, o dono, a casa deste e a gratificação; interrompia a conversa e ia atrás do vicioso. Não o apanhava logo, espreitava lugar azado, e de um salto tinha a gratificação nas mãos. Nem sempre saía sem sangue, as unhas e os dentes do outro trabalhavam, mas geralmente ele os venciam sem o menor arranhão. (ASSIS,a:1962,p.663)

A pobreza e a paixão o levaram a tal ofício. Tinha trinta anos quando conheceu Clara e para casar com sua amada precisava de algo mais que não apenas dívidas. ‘Pegar escravos’ não lhe dava a assiduidade do dinheiro, mas dava-lhe um montante maior ao final de um período. Foi aí que casou. Mas quem era Clara?

Clara não pertencia à aristocracia. Era tão e somente uma mulher de vinte e dois anos, pobre, órfã, costureira, que morava com uma tia, cujo único objetivo era casar. Para tanto, não tinha eleitos e tampouco pretendentes. Passava as tardes debruçada no peitoril da janela, tal qual mercadoria barata e exposta no balcão, procurando um pretendente, até que lhe apareceu Cândido Neves. Não queria ficar

como dona Tonica, personagem de *Quincas Borba*: solteirona e quarentona. “Tal foi a página inicial daquele livro, que tinha de sair mal composto e pior brochado”(ASSIS,a:1962,p.662). Isto porque os lucros do recente marido começaram a escassear. Não que os escravos tivessem deixado de fugir. A pobreza e o desemprego fizeram o negócio crescer e outros ‘pegadores de escravos’ entraram no novo mercado de trabalho. A matemática é simples: mais competição e menos escravos em suas cordas era igual a mais dívidas. Começa aí o declínio financeiro, social e moral de Cândido Neves, que se antes era pobre, dá início à miséria.

Clara começou a costurar mais, a fim de preencher o vácuo financeiro deixado pelo marido. A tia a ajudava, mas as dívidas batiam à porta, bem como o proprietário da paupérrima casa em que viviam. Foi nesse período de escassez que Clara engravidou. Se o casal estava feliz com a promessa da chegada do novo rebento, do mesmo sentimento não compartilhava a tia de Clara. Em sua opinião, se já lhe faltava o que comer, com o nascimento da criança a situação só pioraria. Para tanto, sugeriu que Cândido conduzisse o filho à Roda dos Enjeitados. Idéia contestada tanto por ele quanto por Clara.

Com o aluguel atrasado, o protagonista recebe do senhorio o prazo de cinco dias para quitar as dívidas. Era isso ou a rua, por mais que os três suplicassem mais tempo. E por mais que Cândido se esforçasse não conseguia pegar nenhum escravo fugitivo. Cândido e sua família só não foram morar em um dos degraus da escadaria da Igreja de São Francisco, tal qual Quincas Borba em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, porque “tia Mônica teve arte de alcançar aposento para os três em casa de uma senhora velha e rica, que lhe prometeu emprestar os quartos baixos da casa, ao fundo da cocheira, para os lados de um pátio”(ASSIS,a:1962,p.664-665). Vejam que Cândido Neves está num momento de degradação social e moral. Não é ele quem consegue abrigo para a família, mas sim a tia de Clara e numa sociedade patriarcal esta inversão de papel faz uma grande diferença. O rapaz perdeu a casa pobre onde morava para habitar no porão que ficava ao lado da cocheira. Está em condição inferior à dona da casa, que ocupa os quartos de cima e onde vive de favor, mas está em horizontalidade com os animais que dormem no estábulo.

Dois dias depois da mudança nasce seu filho. Nasce a criança no exato momento em que Cândido perde a condição de autoridade diante de tia Mônica. Afinal, se não dormem ao relento foi porque ela conseguiu um lugar para eles morarem, ainda que de favor. É aí que tia Mônica ordena ao caçador de escravos que entregue o filho à Roda dos Enjeitados, sem que possa haver recusa da parte dele.

Assim sucedeu. Postos fora da casa, passaram ao aposento de favor, e dous dias depois nasceu a criança. A alegria do pai foi enorme, e a tristeza também. Tia Mônica insistiu em dar a criança à Roda. "Se você não a quer levar, deixe isso comigo; eu vou à Rua dos Barbonos." Cândido Neves pediu que não, que esperasse, que ele mesmo a levaria. Notai que era um menino, e que ambos os pais desejavam justamente este sexo. Mal lhe deram algum leite; mas, como chovesse à noite, assentou o pai levá-lo à Roda na noite seguinte.(ASSIS a:1962,p.665)

Desta feita, Cândido Neves encontrou pois, a miséria financeira, social e moral. Perdeu sua casa, seu abrigo, sua autoridade, sua auto-estima e na escassez não conseguia nem mesmo por alimento à mesa. A dieta da recente mãe também foi providenciada pela tia da mulher. Agora, era obrigado a enjeitar o filho tão desejado, aguardado com ansiedade e amado com fervor. Assim, a injustiça do sistema social arracava-lhe não apenas a dignidade, mas ainda uma parte dele mesmo e a esperança de luta pela vida, com a perpetuação da sua família em gerações posteriores.

Cândido Neves foi obrigado a cumprir a promessa; pediu à mulher que desse ao filho o resto do leite que ele beberia da mãe. Assim se fez; o pequeno adormeceu, o pai pegou dele, e saiu na direção da Rua dos Barbonos. (ASSIS,a:1962,p.665)

A cena em que o pai percorre a rua dos Barbonos com o filho nos braços possui apenas um parágrafo. Mas nestas poucas linhas é possível perceber o sofrimento calado de Cândido Neves, o amor do pai pelo filho, bem como a dor pela sua própria impotência diante da inevitável e perpétua separação iminente.

Que pensasse mais de uma vez em voltar para casa com ele, é certo; não menos certo é que o agasalhava muito, que o beijava, que cobria o rosto para preservá-lo do sereno. Ao entrar na Rua da Guarda Velha, Cândido Neves começou a afrouxar o passo. --Hei de entregá-lo o mais tarde que puder, murmurou ele. Mas não sendo a rua

infinita ou sequer longa, viria a acabá-la; foi então que lhe ocorreu entrar por um dos becos que ligavam aquela à Rua da Ajuda. (ASSIS,a:1962,p.666)

A citação acima mostra o desespero do pai que tem consciência plena de que a separação dos dois representa a ruptura da convivência, das fantasias e dos sonhos imaginados para o filho. Entregar o filho à Roda dos Enjeitados representa, simbolicamente, a vitória da morte sobre a vida. No seu desespero e impotência, a única alternativa restante é prorrogar a convivência, o afago e os últimos beijos na face do filho, diminuindo a marcha e perambulando pelos caminhos mais longos, a fim de retardar à chegada ao destino indesejado.

É pois, no auge do desespero da perda, no momento em que leva seu filho à Roda, que Cândido Neves avista uma escrava fugida, procurada por ele há algum tempo. Segue-se aí, na minha opinião, o momento mais dramático do conto, a guerra de pai contra mãe:

Chegou ao fim do beco e, indo a dobrar à direita, na direção do Largo da Ajuda, viu do lado oposto um vulto de mulher; era a mulata fugida. Não dou aqui a comoção de Cândido Neves por não podê-lo fazer com a intensidade real. Um adjetivo basta; digamos enorme. Descendo a mulher, desceu ele também; a poucos passos estava a farmácia onde obtivera a informação, que referi acima. Entrou, achou o farmacêutico, pediu-lhe a fineza de guardar a criança por um instante; viria buscá-la sem falta.

--Mas...

Cândido Neves não lhe deu tempo de dizer nada; saiu rápido, atravessou a rua, até ao ponto em que pudesse pegar a mulher sem dar alarma. No extremo da rua, quando ela ia a descer a de S. José, Cândido Neves aproximou-se dela. Era a mesma, era a mulata fujona. --Arminda! bradou, conforme a nomeava o anúncio.

Arminda voltou-se sem cuidar malícia. Foi só quando ele, tendo tirado o pedaço de corda da algibeira, pegou dos braços da escrava, que ela compreendeu e quis fugir. Era já impossível. Cândido Neves, com as mãos robustas, atava-lhe os pulsos e dizia que andasse. A escrava quis gritar, parece que chegou a soltar alguma voz mais alta que de costume, mas entendeu logo que ninguém viria libertá-la, ao contrário. Pediu então que a soltasse pelo amor de Deus. (ASSIS,a:1962,p.666-667)

Cândido encontra a única maneira retornar com seu filho à casa. Se consegue capturar a mulata Arminda recebe a paga do obséquio, que tem o valor de cem mil réis. Neste momento, quem ata os pulsos da escrava não é mais o homem, o

caçador de escravos Cândido Neves, mas o pai que ama ao filho. A escrava, porém, está grávida e tenta apelar para os sentimentos de Cândido, já que suas forças são insuficientes para resgatar a liberdade perdida. “--Estou grávida, meu senhor! exclamou. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte!”(ASSIS,a:1962,p.667). Ora, a condição para o pai libertar aquela mãe e filho é retornar à situação anterior, que é separar-se do seu próprio filho. E ambos, pai e mãe, sob o instinto, guerreiam pela vida e pela preservação da sua cria.

Houve aqui luta, porque a escrava, gemendo, arrastava-se a si e ao filho. Quem passava ou estava à porta de uma loja, compreendia o que era e naturalmente não acudia. Arminda ia alegando que o senhor era muito mau, e provavelmente a castigaria com açoutes,--cousa que, no estado em que ela estava, seria pior de sentir. Com certeza, ele lhe mandaria dar açoutes.(ASSIS,a:1962,p.667)

Ao suplicar liberdade invocando os sentimentos paternais de Cândido Neves a escrava não tem nenhuma chance. Aliás, isso fez com que o pai encontrasse maior resistência para concluir a tarefa. Sem conseguir demovê-lo do objetivo, Arminda continua lutando com suas últimas forças. Tudo em vão, pois Cândido consegue levá-la até seu senhor.

Não estava em maré de riso, por causa do filho que lá ficara na farmácia, à espera dele. Também é certo que não costumava dizer grandes cousas. Foi arrastando a escrava pela Rua dos Ourives, em direção à da Alfândega, onde residia o senhor. Na esquina desta a luta cresceu; a escrava pôs os pés à parede, recuou com grande esforço, inutilmente. O que alcançou foi, apesar de ser a casa próxima, gastar mais tempo em lá chegar do que devera. Chegou, enfim, arrastada, desesperada, arquejando. Ainda ali ajoelhou-se, mas em vão. O senhor estava em casa, acudiu ao chamado e ao rumor.

--Aqui está a fujona, disse Cândido Neves. -- É ela mesma. --Meu senhor! --Anda, entra...

Arminda caiu no corredor. Ali mesmo o senhor da escrava abriu a carteira e tirou os cem mil-réis de gratificação. Cândido Neves guardou as duas notas de cinquenta mil-réis, enquanto o senhor novamente dizia à escrava que entrasse. No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou. (ASSIS,a:1962:p.667)

Vejam que o encontro dos dois ocorreu na rua da Ajuda e a casa do senhor ficava na rua da Alfândega. Apesar de serem próximas, há de convir que a luta e o esforço de ambos não foi de pouca monta. Aliás, apenas como referência, é interessante lembrar que o ato de coroação de Rubião em *Quincas Borba*, também se deu neste mesmo local, bem como seu destronamento. Ao entregar a escrava ao dono, Cândido recebe o dinheiro pela conclusão da tarefa. Mas vejamos como ocorre a cena. Embora ambos tenham lutado bastante, é a escrava quem chega à

casa em fadiga física. Chegou 'arrastada e arquejando'. Ou seja, chegou, simbolicamente moribunda, em direção à morte. E enquanto a escrava tomba, Cândido ascende, de maneira que o narrador traça quatro linhas no mesmo momento em que há o encontro das três personagens. No primeiro caso, são duas linhas verticais, opostas e simultâneas. Enquanto a escrava sofre o processo da queda, não sem antes ajoelhar-se diante do caçador, num gesto de submissão, Cândido sofre o processo de elevação. As duas linhas seguintes são horizontais, simultâneas e recíprocas, pois eleva Cândido a uma condição de superioridade diante de Arminda, mas na mesma condição de elevação em que está o senhor.

Desda feita, é quando Cândido está de pé, em posição vertical, com a moral, autoridade e a auto-estima restituídas, bem quando ele pode, enfim, retomar a posse do filho, que a escrava tomba ao chão e aborta o filho que carregava no útero. A alegria do pai Cândido ocorre em simultaneidade à dor e aos gemidos da mãe Arminda. Para o senhor, o desespero está apenas em perder o futuro escravo. Aliás, o pagamento de cem mil réis recebido por Cândido é feito em duas notas de cinquenta. Afinal, são dois os escravos que seriam resgatados.

Quando lá chegou, viu o farmacêutico sozinho, sem o filho que lhe entregara. Quis esganá-lo. Felizmente, o farmacêutico explicou tudo a tempo; o menino estava lá dentro com a família, e ambos entraram. O pai recebeu o filho com a mesma fúria com que pegara a escrava fujona de há pouco, fúria diversa, naturalmente, fúria de amor. Agradeceu depressa e mal, e saiu às carreiras, não para a Roda dos enjeitados, mas para a casa de empréstimo com o filho e os cem mil-réis de gratificação. Tia Mônica, ouvida a explicação, perdoou a volta do pequeno, uma vez que trazia os cem mil-réis. Disse, é verdade, algumas palavras duras contra a escrava, por causa do aborto, além da fuga. Cândido Neves, beijando o filho, entre lágrimas, verdadeiras, abençoava a fuga e não se lhe dava do aborto.

--Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração. (ASSIS, a:1962,p.667)

Cândido Neves retorna à casa e com o filho nos braços não sentia culpa do aborto sofrido pela escrava. O que tinha importância naquele instante era a posse do seu filho. Nada mais do que um exemplo de Humanitas. E se as batatas são suficientes para matar a fome de apenas uma tribo, entre as duas existentes, dá-se a guerra. Ao vencedor, as batatas!

Lembremos, então, o que diz o filósofo Quincas Borba sobre a luta pela sobrevivência e o caráter conservador da guerra:

Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.(ASSIS,b:1962,p.646-647)

As batatas, neste conto, são os filhos de Cândido e Arminda. Aquele que vencer a guerra conservará o rebento. A escrava perdeu a luta e abortou. Cândido, o vencedor, pôde retornar à casa com o prêmio sobre os braços e cem mil réis no bolso. Mas vale observar que o dinheiro recebido resolve o problema de maneira provisória, ainda que imediata, deixando o futuro do filho incerto. Tia Mônica, que inicialmente quis entregar o sobrinho à Roda dos Enjeitados desiste da idéia, mas não deixou de ter razão quando discordava do nascimento de um filho da pobreza. Lembremos pois, de Brás Cubas e do capítulo das negativas. No fim da vida, ou melhor, do outro lado da vida, Brás Cubas fez um resumo da sua história, sendo o último capítulo das suas memórias, a revelação do seu total esvaziamento e da vacuidade que foi sua vida.

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padei a morte de D. Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba. Somadas umas cousas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve míngua nem sobra, e conseqüentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: -- Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.(ASSIS,c:1994,p.143)

Na posteridade, Brás revela que apesar do dinheiro, que apesar de nunca ter necessitado trabalhar para suprir a fome (diferentemente de Cândido Neves) e que apesar de ter vivido na fartura, fez da sua vida uma ausência. Faltou-lhe tudo: uma vida em família, o sucesso político, a glória, bem como filhos. A ausência de filhos, segundo Brás, deixou-lhe um saldo positivo diante da vida. Afinal, a natureza é perversa. Lembra-se, caro amigo, do capítulo onde ele revela seus delírios, numa viagem do começo ao fim dos séculos?

Os séculos desfilavam num turbilhão, e, não obstante, porque os olhos do delírio são outros, eu via tudo o que passava diante de mim,—flagelos e delícias, desde essa cousa que se chama glória até essa outra que se chama miséria, e via o amor multiplicando a miséria, e via a miséria agravando a debilidade. Aí vinham a cobiça que devora, a cólera que inflama, a inveja que baba, e a enxada e a pena, úmidas de suor, e a ambição, a fome, a vaidade, a melancolia, a riqueza, o amor, e todos agitavam o homem, como um chocalho, até destruí-lo, como um farrapo. Eram as formas várias de um mal, que ora mordida a víscera, ora mordida o pensamento, e passeava eternamente as suas vestes de arlequim, em derredor da espécie humana. A dor cedia alguma vez, mas cedia a indiferença, que era um sono sem sonhos, ou ao prazer, que era uma dor bastarda. Então o homem, flagelado e rebelde, corria diante da fatalidade das cousas, atrás de uma figura nebulosa e esquiva, feita de retalhos, um retalho de impalpável, outro de improvável, outro de invisível, cosidos todos a ponto precário, com a agulha da imaginação; e essa figura, — nada menos que a quimera da felicidade, — ou lhe fugia perpetuamente, ou deixava-se apanhar pela fralda, e o homem e cingia ao peito, e então ela ria, como um escárnio, e sumia-se, como uma ilusão. (ASSIS, e:1994, p.16)

O delírio de Brás não é senão a filosofia do humanitismo de *Quincas Borba*, expressa em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, demonstrada em *Quincas Borba* e vista também em *Pai contra mãe*. Seu delírio mostra a calamidade e a miséria do homem provocadas pelo próprio homem. É por isso que lá, do outro lado da vida, o defunto-autor conclui ter encontrado um saldo positivo no capítulo das negativas: “não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria”. Entretanto, há que se pensar nesta conclusão, pois vivemos e sonhamos - ainda que sejam sonhos tortos - de acordo com sua concepção, não só por nós, mas para outras gerações, ainda que não sejam nossos descendentes sanguíneos. Estaria Brás com a razão? Teria mesmo ele este saldo positivo? Teria razão Cândido Neves ao deixar nascer e viver um filho na miséria? Teria razão tia Mônica quando negava a permanência do sobrinho na miséria e pretendia entregá-lo na Roda dos Enjeitados para uma possível adoção? Lucrou Cândido Neves ou a escrava Arminda? De acordo com *Quincas Borba* e sua filosofia, “o princípio das coisas, não é outro senão o mesmo homem repartido por todos os homens” (ASSIS, c:1994, p.116). Ainda, segundo a filosofia, o maior benefício do homem é a própria vida, o nascimento.

Como a vida é o maior benefício do universo, e não há mendigo que não prefira a miséria à morte(o que é um delicioso influxo de humanitas), segue-se que a transmissão da vida, longe de ser uma ocasião de galanteio, é a hora suprema da missa espiritual. Porquanto, verdadeiramente **há só uma desgraça: é não nascer.** (grifos nossos). (ASSIS, c:1994, p.116)

Se têm razão Cândido Neves e *Quincas Borba* ou tia Mônica e Brás Cubas, tudo é uma questão de opinião, que variará de leitor para leitor. Eu, sinceramente,

ainda não tenho opinião formada a respeito, ainda que tenha filho. Talvez por isso mesmo o conto tenha me tocado tanto e eu tenha resolvido exprimir meus pensamentos que, paciência meu leitor querido, ainda não chegaram ao fim. Quero analisar também a figura do narrador, personagem central do conto, ainda que não seja personagem da trama. É a partir do narrador e das suas expressões que conseguimos traçar uma opinião a respeito do texto lido.

O narrador de *Pai contra Mãe*, como já dissemos, não é personagem da trama e por isso narra à distância. Conhece os pensamentos e sentimentos de todas as personagens. É personagem pertencente a aristocracia, haja vista a linguagem utilizada na narrativa. É o que me parece. Mas qual é o ponto de vista do narrador? Qual o seu foco narrativo e qual é o olhar que ele detém sobre as personagens por ele narradas? Qual é o tempo da narrativa e o tempo da narração, do enunciado e da enunciação?

O narrador conta uma fato já ocorrido e por isso narra no passado. Ou seja, o tempo do enunciado não é o mesmo da enunciação. O tempo da narração é após a abolição, enquanto o narrado é durante o período escravagista. Trata da escravidão, da condição em que os escravos viviam, como eram tratados, como eram as leis daquele tempo, o que pensava a sociedade narrada por ele e qual a condição de vida dos homens brancos, livres e pobres. Para tanto, dá início à narrativa falando sobre os instrumentos de tortura utilizados à época. Aliás, vale observar a riqueza de detalhes ao contar sobre os diversos aparelhos, tais como o ferro ao pescoço, a máscara de flandres, entre tantos outros. Conta o narrador, a função de cada aparelho e instiga os sentidos táteis e visuais do leitor e o convida à imaginação das sensações do sofrimento.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado. (ASSIS, a:1962, p.659)

Mas durante a narração, emite opiniões que podem (e não afirmo que não!) parecer que este narrador legitima a escravidão.

A ESCRAVIDÃO levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles

era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. **Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel.** (grifos nossos). Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.(ASSIS,a:1962,p.659)

Ao dizer que para se conseguir a ordem social e humana é necessário o grotesco e o cruel assume a posição do aristocrata escravagista, não é mesmo? Discordo da afirmação e justifico a razão. Primeiro penso nos leitores do século XIX, na cidade do Rio de Janeiro. Quem lia romances e assinava jornais naquela época senão uma elite aristocrática? Ora, ao contar com detalhes os instrumentos utilizados pela própria elite durante a escravidão e ao afirmar que eram estes instrumentos cruéis e grotescos, penso na ironia fina machadiana. Ao colocar em cena um narrador aristocrata, legitima o discurso dessa aristocracia e ao mesmo tempo legitima as leis então existentes, bem como o comportamento da sociedade daquele tempo. Mas é preciso questionar se legitimar um discurso é concordar com ele. Ao revelar de maneira tão dura como viviam os escravos e os brancos pobres e sua condição no Sistema Social, denuncia aquela sociedade. O fato é que assim eram as leis do tempo, injustas, grotescas e cruéis. Você não concorda?

Depois, com bastante astúcia, após falar sobre os aparelhos utilizados nos escravos, fala sobre o ofício de 'pegador de escravos', destinado ao homem branco, livre e pobre. Esta observação é feita pelo próprio narrador. Desta maneira, consegue fazer o elo de ligação entre estas duas camadas sociais. Mostra que o sistema social da época conduzia estes dois representantes de classes distintas: o escravo cativo e o branco pobre, à mesma, senão, bem próxima condição de miséria humana. Ao revelar o drama vivido por Cândido Neves e o sofrimento de Arminda, horizontaliza estas duas personagens, mostrando a degradação social e moral a que são submetidas. Além disso, nenhum título é por acaso. Quando nos defrontamos com *Pai contra Mãe* podemos pensar, inicialmente, tratar-se de uma rixa familiar. Mas por que não escolheu, então, 'Cândido Neves contra Arminda'? Afinal, não são estas duas personagens que lutam durante a trama? Não. Nada mais apropriado do que o título escolhido. Ao estabelecer uma luta entre pai e mãe,

nosso autor elimina qualquer pirâmide social e destrói todas as instituições, sejam elas legitimadas ou não. Ao escolher o título *Pai contra Mãe*, o bruxo do Cosme Velho nos conduz ao princípio da via, ao começo da humanidade e ao mesmo tempo, ao final dela. Não é uma instituição ou uma personagem que luta pela vida, mas um pai e uma mãe que brigam pela vida da sua cria. Afinal, existiríamos nós sem que antes houvesse existido um pai e uma mãe?

Bem esta é apenas a minha leitura deste conto, entre tantas outras. Tantas leituras de *Pai contra Mãe* existirão na proporção do número de leitores. Muitas terão pontos de identidades e outras terão enormes diferenças uma das outras. Mas, plageando Brás Cubas, digo que esta é a minha análise. “ Se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus”.(ASSIS,c:1994,p.98)

Bibliografia

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Pai contra Mãe*. Edição em Volumes, Obra Completa de Machado de Assis. Em Três. III vols. Vol. II. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar Ltda, 1962a.

———. Joaquim Maria Machado de. *Quincas Borba*. Edição em Volumes, Obra Completa de Machado de Assis. Em Três. III vols. Vol. I. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar Ltda, 1962b.

. ———. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo, Editora Scipione, 1994c.

BAKHTIN, Mikhail . *Estética da Criação Verbal*. Tradução de Paulo Bezerra, 4a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

———. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra, 2ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1997.

———. *Questões de Literatura e de Estética*. Tradução de Aurora Bernardini, José Pereira Júnior e Augusto Goés Júnior. 1a. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1988.

BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: O Enigma do Olhar*. São Paulo: Ática, 1999.

GUIMARÃES, Helio De Seixas. *Os Leitores de Machado de Assis - O Romance Machadiano e o Público de Literatura no Século 19*. São Paulo: Edusp, 2004.

RIEDEL, Dirce Côrtes. *Metáfora - O Espelho de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1974.

———. *O Tempo no Romance Machadiano*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.

TÁTI, Miécio. *O Mundo de Machado de Assis*. Edição Carioca, Coleção Biblioteca. Vol. 16. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal da Cidade do Rio de Janeiro – Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1991.